

Manual de Inutilidades Cósmicas



Fotografía de Ilda Teresa Castro

Vítor Rua

Índice

1. Prefácio
2. O Relâmpago Doméstico da Teia Inútil
3. A Gravidade dos Peixes Transparentes
4. A Inércia dos Elevadores Ausentes
5. A Manteiga Retórica dos Calendários
6. As Trotinetas do Pensamento
7. O Zoológico dos Utensílios
8. A Gravata Submersa da Estante Queimada
9. A Paciência dos Insectos Metafóricos
10. A Geometria Ausente dos Sofás Reclináveis
11. As Pregas Secretas do Nevoeiro
12. As Cascas Rachadas do Relâmpago
13. A Matemática dos Gatos que Sonham com Areia
14. Museu de Gestos Esquecidos
15. O Xadrez Invisível das Corredeiras
16. A Curvatura Íntima das Andorinhas
17. Os Olhos da Louça Antiga
18. A Lógica Pendurada nos Guarda-chuvas
19. A Alface Que Sonhava com Literatura
20. O Teclado de Areia
21. O Casaco Desabitado do Inverno Por Vir

22. A Gramática dos Candeeiros
23. A Mão Que Desenha Frases em Chamas
24. Os Espelhos que Recusam Reflexo
25. A Rã que Recitava Arquétipos
26. As Meias Desaparecidas e a Metafísica do Armário
27. O Riso Inacabado do Relógio de Pulso
28. As Chaves que Abrem Silêncios
29. A Biblioteca das Palavras que se Esqueceram de Ser
30. O Guarda-Fato das Emoções Temporárias
31. O Copo Vazio que se Julga Oceano
32. O Zoológico dos Pensamentos Abandonados
33. A Poesia Desfiada nas Costuras da Banheira
34. As Paredes que Sussurram em Baixo-Relevo
35. O Lápis Que Só Escreve Palavras Já Pensadas
36. A Harpa Feita com Cabelos de Ausentes
37. O Almofariz das Emoções Moídas
38. O Estendal Onde se Secam Palavras Lavadas
39. O Submarino que Acordava em Terra Firme
40. As Laranjas com Horários de Funcionamento
41. O Banco de Jardim que Sabia Segredos
42. O Arco-íris Envergonhado
43. A Sombra que se Deslocava para o Interior

44. A Mala que Só Guardava Ecos
45. A Cartografia dos Tapetes Voadores
46. As Gavetas que Respiravam Por Dentro
47. O Relógio que Mastigava Minutos
48. A Bicicleta Sem Rodas Que Sonhava Ir
49. O Fio Dentário das Constelações
50. A Almofada Que Arquivava Soluços
51. O Pato Que Sabia Recitar Catálogos
52. A Janela Que Só Abria Para Dentro
53. A Régua Que Media Intenções
54. O Botão Que Abria Recordações
55. O Guizo Que Tocava Em Silêncio
56. A Nuvem Que Bordava Sombras
57. O Ronronar que Dobrou o Universo
58. O Latido que Cheirava a Infância
59. A Borboleta que Bordava Silêncios
60. O Chip que Sonhava com Emoções
61. O Cartão de Crédito Que Tinha Crises Existenciais
62. O Amor em Formato de Nevoeiro
63. O Ciúme com Olhos de Gato de Rua
64. A Inveja com Sabor a Hortelã Velha
65. A Loucura de Botões Mal Coseidos

66. O Desejo no Centro do Vento
67. A Ternura que Não Sabia Falar Alto
68. Os Sentimentos em Caixa de Costura
69. O Arco-Íris das Palavras Não Ditas
70. A Guerra Que Usava Gravata
71. A Paz Que Dormia Mal
72. O Respeito com Sapatos Gastos
73. A Política com Maquilhagem de Circo
74. A Amizade em Estado de Semente
75. A Sensibilidade das Xícaras Tímidas
76. O Gene Egoísta na Sala de Jantar
77. A Couve Que Recitava Poemas Veganos
78. A Doença com Cadeira de Balanço
79. A Morte Com Roupa de Dormir
80. A Vida com Tênis Cor-de-Rosa
81. A Brincadeira em Formato de Riso Desalinhado
82. A Zanga com Odores de Tinta Fresca
83. A Burocracia Que Carimbava Poemas
84. O Fim Que Chegou de Mansinho
85. Epílogo – Instruções para Desaparecer com Elegância

Prefácio

(que não esclarece nada, mas convida a entrar)

Este livro não serve para entender.

Não há mapa, bússola, índice temático ou moral escondida.

É uma sucessão de portas abertas para quartos sem tecto,
onde as palavras dançam com objectos desnecessários
e os sentidos caminham de olhos vendados até tropeçarem no silêncio.

Aqui dentro, tudo é gramatical — mas nada se submete ao real.

As frases respiram, as metáforas vivem debaixo da pele,
e os parágrafos não querem convencer: apenas acontecer.

Este é um livro que não procura leitores.

Procura cúmplices.

Gente disposta a pousar a lógica por um instante,
a sentar-se no chão das páginas,
a escutar um guarda-chuva que ladra ou um candeeiro que duvida da luz.

Se porventura te perguntares:

"Mas o que significa tudo isto?"

fica em paz.

A pergunta é mais importante do que qualquer resposta possível.

E o acto de virar a página já é, por si, um gesto poético.

Lê como quem abre uma janela para um país que só existe à noite.

Ou como quem lava as mãos com palavras que não secam.

E lembra-te:

a inutilidade também é um direito.

E o absurdo pode ser uma forma secreta de liberdade.

Bem-vindx ao *Manual de Inutilidades Cósmicas*.

As palavras não sabem onde vão,
mas vão contigo.

O Relâmpago Doméstico da Teia Inútil

As janelas ovais do pensamento escorrem, lentamente, sobre o parapeito das saudades futuras. Tudo aquilo que o sal não escreveu permanece indecifrado nas gavetas de pelúcia das andorinhas frias. Porque a tarde, essa mesma, vestida de caracol sintético, já não ladra ao espelho desde o eclipse da colher.

É perfeitamente razoável que a gramática se deite ao lado da cal branca, com os verbos em suspenso e as preposições a sussurrar parábolas aos interruptores. Nada disto, no entanto, impede o ruído azul da terça-feira líquida.

A maçã contemplativa do armário sabe que os adjetivos raramente resistem ao peso das algas administrativas. Mas isso não impede o sono vertical das vírgulas, nem a dança inversa dos advérbios em combustão serena.

Se o sentido fosse necessário, bastaria pendurar um pássaro na moldura e esperar que ele cantasse datas. Mas como não há tempo para tais práticas, deixo o casaco dentro do verbo e sigo com os bolsos cheios de sílabas extintas.

O mundo não precisa de entender. Basta que respire com os olhos fechados e uma sintaxe impecável.

A Gravidade dos Peixes Transparentes

O calendário submerso recusa os meses que flutuam sem licença. Entre os candeeiros órfãos e os sopros de papel quente, cada consoante arrasta a sua escama até ao veludo da desordem. Nenhuma nuvem assinou contrato com o musgo, e ainda assim chove dentro dos sapatos por vontade do caracol diplomata.

Os elevadores têm opiniões sobre a ternura dos limões. Disfarçam-nas em trinados esféricos e discursos de areia mal cozida. É por isso que as almofadas se encontram em assembleia permanente, discutindo o peso político dos espelhos oblíquos.

Nada será como a dentadura do vento — exacta, invisível, disciplinada — mastigando com elegância os nomes esquecidos no casaco do semáforo. Não há porquê, nem quando, apenas um talvez em forma de girassol ao contrário.

E se alguém perguntar pelo sentido, direi apenas:

o peixe transparente já foi chão,
e agora dança.

O Vento com Sede de Marfim

As janelas rangem em esperanto sempre que o girassol recusa o turno da noite.

Nos degraus do cansaço sobem sapos vestidos de neblina, engolindo promessas com sotaque de aguarela.

As buzinas ouvem-se melhor debaixo de água, mas isso não impede os cactos de votar nas segundas-feiras.

O chão vibra quando os talheres decidem aprender a respirar.

As Pregas Secretas do Nevoeiro

Num armário de pergaminhos tristes, dorme a sombra dobrada de um equinócio extraviado.

Todas as quintas, a cidade escova os dentes com números primos e rega os semáforos com chá de jasmim.

Os cães ladram em notas musicais apenas visíveis ao tacto dos jacarandás.

Ninguém sabe se a eternidade tem bolor, mas há rumores de que o silêncio já ensaiou cometas.

As Cascas Rachadas do Relâmpago

Há relógios que recusam a hora por pudor.

Na praça, um biscoito filosófico distribui metáforas a crianças invisíveis.

A cinza dança porque se esqueceu do fogo, e a chuva cresce ao contrário nas solas dos sapatos.

O céu abriu uma conta bancária e esqueceu-se da senha.

A Matemática dos Gatos que Sonham com Areia

Os gatos multiplicam-se por ossos imaginários enquanto os tapetes aprendem latim.

Cada parede alberga um campo magnético onde os segredos hibernam em mosaicos.

A lógica ficou sentada no degrau do equívoco, contando sílabas ao pôr-do-sol.

Entretanto, os lápis afiam ideias com sabor a domingo.

Museu de Gestos Esquecidos

Entre as molduras do hábito, um caracol a óleo gira lentamente sobre o eixo da lembrança.

O vidro espelha o que não existe, com a delicadeza de um bocejo em suspenso.

Os corredores cheiram a palavras que nunca chegaram a nascer.

Ali, até a poeira tem opiniões sobre o passado.

A Inércia dos Elevadores Ausentes

No sétimo andar da ausência, uma flor carnuda toca piano com os cotovelos da memória.

As portas abrem-se para lado nenhum, e as campainhas soam a equações não resolvidas.

O corrimão deseja ser rio, mas a gravidade não lhe permite sonhos de água.

Ao fundo, um passageiro hesita — não entre o andar e o abismo, mas entre o nome e o eco.

A Manteiga Retórica dos Calendários

O calendário escorrega sobre um tapete de datas desiludidas.

Cada mês tem um sabor levemente irônico, como se a manhã soubesse algo que a noite ainda não digeriu.

As segundas-feiras envelhecem devagar, em frascos de vidro azul, ao lado das promessas não assinadas.

Ninguém sabe quantos dias cabem num silêncio bem educado.

As Trotinetas do Pensamento

Todas as manhãs, o pensamento tenta deslocar-se em trotinetas feitas de ideias mal soldadas.

A física protesta, mas o movimento continua: curvo, cego e sincopado.

Há momentos em que a dúvida faz piruetas na praça pública, atirada ao ar por palhaços invisíveis.

E as frases, mesmo as correctas, hesitam antes de chegar ao destino.

O Zoológico dos Utensílios

É segunda-feira no zoológico dos utensílios.

A colher observa, desconfiada, a bailarina de aço inox que flutua sobre a chaleira.

Na jaula do canto, um saca-rolhas canta blues em francês, enquanto os garfos lutam por um verso.

Os visitantes não são muitos — apenas uma criança de olhos invertidos e um senhor com casaco de névoa.

No átrio principal, pendurado por um fio de algodão sensível, está o relógio que não marca horas: marca interjeições.

E de hora a hora, ouve-se um *ah*, um *hmmm*, um *eh voilà*.

Nada se compra. Nada se vende.

O único bilhete válido é uma pergunta sem resposta.

E mesmo essa, só é aceite se vier dobrada em quatro.

A Gravata Submersa da Estante Queimada

As estantes queimadas guardam livros que nunca foram escritos, mas que cheiram a café e poeira fresca.

Entre as páginas, uma gravata de tecido marítimo enrosca-se em ideias que não ousam sair para o mundo.

O dicionário encostado ao rodapé dorme com um olho aberto e sonha com palavras que não têm vogais.

Tudo arde devagar, sem chamas, sem pressa, como se a combustão fosse uma forma de recordar.

A Paciência dos Insectos Metafóricos

Num canto da sala, os insectos metafóricos reúnem-se em assembleia.

Cada um traz um fragmento de metáfora: a asa de um sonho, o casco de uma dúvida, o ferrão de um parêntesis.

Discutem lentamente, com pausas longas entre sílabas, e a linguagem esvoaça como poeira ao fim da tarde.

Um louva-a-deus propõe um poema em forma de armário.

Um besouro responde com um aforismo dobrado.

A formiga, em silêncio, carrega uma sílaba até ao outro extremo da página.

No final, ninguém vota.

A decisão repousa, imóvel, como um ponto final dentro de um caracol.

O Xadrez Invisível das Corredeiras

A água joga xadrez com a margem, mas ninguém sabe onde está o rei.

As pedras sussurram jogadas antigas aos salgueiros pendentes, que abanam como se soubessem.

Há peixes que preferem observar do fundo, com as barbatanas cruzadas e o olhar sem pontuação.

Quando o jogo termina, a corrente continua, fingindo que nunca começou.

A Curvatura Íntima das Andorinhas

As andorinhas voltam sempre que os calendários se envergonham.

Trazem histórias dobradas nos bicos e assobios escritos em dialecto de granizo.

Nenhuma compreende bem os mapas, mas todas sabem o que é saudade sem retorno.

Voam em espiral porque a linha recta ofende os céus.

Os Olhos da Louça Antiga

Na prateleira mais alta da casa vazia, os pratos ouvem.

Cada fissura repete uma frase dita em surdina, décadas antes do tecto ceder.

Os copos, tímidos, preferem a transparência.

Já as chávenas sonham com torradas que nunca aconteceram, enquanto os pires se oferecem ao acaso.

O açúcar, escondido na penumbra do armário, organiza revoluções em silêncio.

Não quer dissolver-se — apenas dissolver o tempo.

A Lógica Pendurada nos Guarda-chuvas

Os guarda-chuvas discutem geometria ao fim da tarde.

Não por necessidade, mas por hábito herdado de ventanias passadas.

Abrem-se com lentidão cerimonial, como se cada costura escondesse um segredo de infância.

Um deles, o mais velho, jura ter visto um relâmpago pousar.

Ninguém acredita, mas todos respeitam o tom grave com que o diz.

A Alface Que Sonhava com Literatura

A alface lia, todas as manhãs, um capítulo de Clarice Lispector.

Não compreendia nada, mas sentia-se mais crocante depois.

As outras folhas riam-se, mas o tomate compreendia.

No silêncio da horta, há afectos que não precisam de raízes.

O Teclado de Areia

Cada tecla era um grão de indecisão.

As palavras formavam-se como dunas: frágeis, móveis, efémeras.

Não havia backspace — só vento.

E o cursor era uma formiga determinada que caminhava, sem destino, entre os sorrisos e os parêntesis.

Escrever era um acto de erosão.

Apagar, um ritual de aceitação.

A Geometria Ausente dos Sofás Reclináveis

Os sofás fingem conforto, mas são filósofos de espumas desconfiadas.

Quando ninguém vê, conspiram com as cortinas sobre a inclinação dos afectos e o mistério do torpor.

A almofada esquerda sabe coisas que não partilha — herdou memórias de cabeças que já não voltam.

O comando remoto, entretanto, sonha com a ideia de revolução, embora tema os números ímpares.

Não se trata de sentar.

É uma tentativa de dissolução vertical.

O corpo não descansa — negocia com o esquecimento.

E cada botão pressionado é uma súplica tímida ao oráculo dos circuitos.

Por vezes, durante a madrugada, ouve-se um estalo no silêncio.

Não é o frigorífico.

É o sofá a rir-se de nós.

O Delírio Metódico da Gelatina Filosófica

A gelatina, ainda trémula da dúvida, repousa no centro da mesa como se fosse um tratado não publicado.

Cada vibração é um argumento.

Cada bolha de ar, uma refutação suave ao conceito de firmeza.

Alguém tenta servir uma colher —
mas falha.

Não se pode colher o que escapa à linguagem.

Na infância da sobremesa, tudo era cor.

Agora, é hesitação.

E mesmo assim, há quem diga que a gelatina reflecte melhor a alma do que qualquer espelho.

E acredita-se, porque trémula é também a fé.

Os Telhados Esquecem-se Sempre dos Cabelos

Debaixo dos telhados vivem ideias que já não sabem escrever.

Empoeiradas, germinam na escuridão como batatas sonâmbulas.

As telhas, gastas pela chuva e pelo tédio, não sonham com o céu — sonham com o silêncio.

Entretanto, os cabelos, largados no ralo da terça-feira, perguntam-se:

quem os protegerá quando o vento se fizer verbo?

A água escorre devagar, como quem repensa decisões.

E o sabão, ausente de opinião, assiste.

Ninguém repara, mas o esgoto é também biblioteca.

E os fios de cabelo, versos esquecidos pela anatomia.

As Mantas Sabem Mais do Que Dizem

No fundo da arca, dobrada com dignidade ancestral, está a manta que sobreviveu a três gerações de invernos.

Não fala, mas murmura.

Não julga, mas envolve.

Cada nó no seu tecido é uma letra numa língua extinta, falada apenas pelas traças e pelas avós que já não vivem aqui.

Quando a noite cai sem aviso, a manta sobe devagar — não para aquecer, mas para lembrar.

E no seu silêncio entrelaçado, há uma sabedoria que escapa à gramática.

Cobrir-se com ela é aceitar que o mundo pode ser ao mesmo tempo frio e suficiente.

O Martelo das Emoções Abstractas

Bate, mas não prega.

Fixa ideias nas paredes invisíveis de um corredor mental em espiral.

O cabo está gasto de tanto se pensar.

A cabeça, oxidada, já não tem certezas — apenas impulsos rítmicos.

Cada pancada é um gesto primordial.

Um eco dos primeiros pensamentos que fizeram barulho.

Nada se constrói com ele — apenas se liberta o que já não serve.

É possível, dizem, que o martelo seja parente do trovão.

Ou do coração.

O Guarda-Chuva Dobrado Dentro da Cabeça

Todas as manhãs, abro um guarda-chuva dentro da cabeça.

Não por medo da chuva, mas por hábito meteorológico do pensamento.

Lá dentro, o céu tem goteiras que pingam memórias em intervalos rítmicos.

Às vezes, uma gota cai sobre a ideia certa e germina uma hipótese de felicidade, mas seca logo a seguir — porque não há raiz que aguento a dúvida constante.

Os nervos do guarda-chuva não servem para proteger.

Servem para organizar a confusão com geometria transitória.

As ideias penduram-se nas varetas como morcegos sonâmbulos.

Quando o dia termina, fecho-o com cuidado e pouso-o à porta da linguagem.

E adormeço com o som ténue das gotas que nunca caíram.

As Portas Que Preferem Estar Encostadas

Há portas que não se fecham nem se abrem — preferem estar encostadas.

São tímidas por vocação e metafóricas por acidente.

Têm dobradiças que se arrepiam com decisões definitivas e fechaduras que recusam a clausura.

A casa inteira escuta essas portas.

Mesmo os espelhos sabem que o limiar é mais importante do que o quarto.

Atrás de uma delas vive um segredo que já se esqueceu do seu conteúdo.

Mas continua a respirar.

Com intervalos longos, como quem não tem pressa de se revelar.

A Sopa Invisível dos Fósforos Molhados

Num canto escuro da cozinha, onde o tempo escorre entre as telhas, alguém prepara uma sopa feita de fósforos molhados.

Cada colher levanta um cheiro a promessa apagada.

Não aquece. Não sacia. Mas reconforta — pela persistência do gesto.

O lume não arde.

Espera.

E no vapor que não sobe, há silêncios que cheiram a infância.

No prato fundo da memória, todas as sopas são leves e irrepetíveis.

E mesmo as colheres de metal sabem que a fome é outra coisa.

A Cadeira Que Nunca Aprendeu a Sentar

Todas as manhãs, a cadeira acorda antes do sol e treme discretamente.

Tem pavor ao toque.

Não suporta o peso dos corpos nem a repetição do descanso.

Recusa-se a ser cúmplice do cansaço humano.

Quando alguém se aproxima, inclina-se subtilmente, como quem se desculpa.

Já tentou explicar-se a si própria, mas os móveis não falam.

Apenas rangem — e esse som diz mais do que as palavras permitiriam.

À noite, permanece imóvel, de costas para a mesa.

Como quem vigia o vazio.

Ou como quem guarda o direito de não servir.

O Alfinete de Segurança dos Poemas que Não Começaram

Está ali, preso à borda do caderno, discreto como uma frase incompleta.

O alfinete de segurança não segura nada, mas espera.

Espera por um verso que não venha rasgar o papel.

Por um começo que ainda não tenha medo do fim.

Dizem que foi usado uma vez, numa camisa que ardia de vergonha.

Desde então, recusa o tecido — prefere a ideia.

O poeta, sem saber, passa-lhe os dedos todos os dias.

E o alfinete sorri com um brilho metálico quase imperceptível.

Porque, no fundo, há objectos que sabem esperar melhor do que as pessoas.

O Casaco Desabitado do Inverno Por Vir

O casaco permanece pendurado há meses, imóvel como um parêntesis de lã.

Não aquece ninguém.

Serve apenas como memória suspensa daquilo que ainda não aconteceu.

Há migalhas no bolso esquerdo, uma pena no forro e uma nota de cinco euros a cheirar a nevoeiro.

Nenhum corpo o reclamou.

Nenhum frio o exigiu.

Mas ali fica, como um cão que se esqueceu de ter dono.

Às vezes, à noite, ouve-se um zíper a mover-se sozinho.

E todos fingem que é o vento.

Mas o casaco sabe.

E aguarda.

Pelo frio certo. Pela ausência adequada.

A Gramática dos Candeeiros

Os candeeiros preferem os verbos.

Iluminam as acções com mais precisão do que os substantivos.

As lâmpadas, em particular, têm predilecção por advérbios.

Gostam de saber *como* brilham, mais do que *porquê*.

A Mão Que Desenha Frases em Chamas

Com carvão de lápis extinto, a mão escreve frases que não querem ser lidas.

São linhas que ardem lentamente no papel da distração.

Não dizem nada — e, no entanto, doem.

Quem lê sente calor no estômago e um sabor a fósforo entre os dentes.

Não há tinta.

A combustão é interior.

Os Espelhos que Recusam Reflexo

São raros, mas existem.

Espelhos que se recusam a reflectir, por ética ou por trauma.

Vivem em casas antigas, cobertos por lençóis finos ou por poeira deliberada.

Quem ousa levantar o pano encontra apenas uma superfície baça, uma espécie de vazio com textura.

O rosto ali não se vê, mas sente-se observado.

Alguns dizem que estes espelhos não mostram o que está —
mostram o que falta.

A Rã que Recitava Arquétipos

Entre dois nenúfares, uma rã citava Jung.

Não por compreensão, mas por ritmo.

As libélulas paravam para ouvir.

E um caracol, encantado, anotava tudo em espiral.

As Meias Desaparecidas e a Metafísica do Armário

Dentro do armário, entre os casacos mal pendurados e as promessas de arrumação, vivem as meias desaparecidas.

Não estão perdidas — estão em greve.

Cansaram-se de ser emparelhadas com obrigatoriedade.

Descobriram, uma a uma, que a solidão também pode ser forma.

O armário inteiro murmura quando uma nova meia chega:

“Shhh, dá-lhe tempo. Ela ainda acredita no par.”

O Riso Inacabado do Relógio de Pulso

O tempo, às vezes, engasga-se no pulso.

Risos interrompidos vibram dentro da bracelete como pequenos sismos emocionais.

A cada segundo que passa, o ponteiro hesita.

Não por erro mecânico — por melancolia das horas que não chegaram a ser.

As Chaves que Abrem Silêncios

Dentro da gaveta, há um molho de chaves que não abre portas.

Abrem silêncios.

Cada uma encaixa num silêncio diferente: o silêncio da espera, o silêncio das palavras engolidas, o silêncio entre duas pessoas que já não se olham.

O metal está gasto, mas firme.

Brilham pouco, como ideias que nunca foram ditas.

Uma vez por ano, são levadas até à rua e giram no ar, à procura de fechaduras invisíveis.

Quando encontram uma, o som que fazem não é um clique.

É um suspiro.

Ninguém sabe quem as criou.

Suspeita-se que tenham sido forjadas por um relojoeiro míope que confundiu tempo com ausência.

A Biblioteca das Palavras que se Esqueceram de Ser

No centro da cidade existe uma biblioteca secreta onde vivem palavras que se esqueceram de ser. Palavras que começaram a nascer, mas foram interrompidas por trovoadas emocionais, por telefonemas inoportunos, por aquela sensação estranha de já não fazer sentido.

As estantes são feitas de papel reciclado de pensamentos.

Os livros, encadernados em pele de silêncio, não têm índice.

Lêem-se ao contrário.

Ou às cegas.

Quem entra, entra mudo.

Quem sai, sai com uma palavra nova colada à nuca, como um insecto tímido.

O bibliotecário é um homem sem rosto que fala apenas em verbos no futuro do pretérito.

Diz: “serias”, “dirias”, “lembrarias”.

Mas nunca “foste”.

O Guarda-Fato das Emoções Temporárias

As emoções vivem penduradas no guarda-fato.

Vestem-se conforme o dia, conforme o humor, conforme a previsão atmosférica dos sentimentos.

A alegria vem num cabide de arame, toda amarrotada, a precisar de vapor.

A raiva dobra-se mal. Escorrega das prateleiras. Rasga-se facilmente.

Há também um fato de indiferença com muitos bolsos — úteis para esconder palavras que não se querem dizer.

E uma camisola de saudade, demasiado apertada, que coça sempre no mesmo sítio.

No fundo, está o casaco do medo.

Ninguém gosta de usá-lo, mas às vezes está frio demais para sair sem ele.

O Copo Vazio que se Julga Oceano

Numa mesa esquecida, vive um copo vazio que se crê oceano.

Treme com o vento, embriaga-se com reflexos, ouve marés dentro do vidro.

Os talheres não discutem — respeitam a convicção.

Há noites em que o copo entorna-se sozinho, como se quisesse devolver uma onda ao chão.

E pela manhã, ninguém percebe o sal na toalha.

Nem o eco húmido no silêncio da sala.

O Zoológico dos Pensamentos Abandonados

Existe, numa cave de arquitectura duvidosa, um zoológico de pensamentos abandonados.

Não são perigosos.

Apenas demasiado repetitivos para continuarem a circular em liberdade.

Há jaulas com ideias circulares que nunca chegaram a lado nenhum.

Há terrários com dúvidas que se alimentam de argumentos inconsistentes.

E uma gaiola, sempre vazia, onde se guardava a fé — que um dia voou sem deixar bilhete.

Os visitantes são poucos.

Os guardas lêem jornais antigos e trocam receitas de sopa.

Ninguém sabe o que acontecerá quando os pensamentos decidirem fugir.

A Poesia Desfiada nas Costuras da Banheira

Ao fim do dia, a banheira guarda restos de poemas.

Entre os cabelos e a espuma morna, sobram versos desfeitos, imagens trémulas, metáforas escorregadias.

A água sabe mais do que diz.

Memoriza ritmos.

Traz à tona memórias nunca tidas.

E quando se escoar, leva consigo uma versão líquida do que poderia ter sido um poema.

Mas nunca foi.

O Submarino que Acordava em Terra Firme

Havia um submarino adormecido no meio da praça.

Os pombos usavam-no como miradouro e os reformados discutiam a meteorologia sentados sobre a sua carapaça metálica.

Durante anos, ninguém se atreveu a perguntar como chegou ali.

Era mais fácil aceitá-lo como um erro poético da engenharia.

Mas o submarino sonhava.

E nos seus sonhos, via baleias de ferro a flutuar entre arranha-céus e escadas rolantes que desembocavam em recifes de néon.

Certa madrugada, quando a cidade ainda bocejava, abriu a escotilha e libertou um sopro de sal.

Um único habitante, meio desperto e de robe às riscas, sentiu o cheiro.

Chorou sem saber porquê.

Desde então, o submarino permanece imóvel, mas em estado de escuta.

Os peixes, dizem, enviam-lhe cartas por via telepática.

As Laranjas com Horários de Funcionamento

Às dez, estão doces.

Às onze, um pouco cínicas.

Ao meio-dia, recusam-se a falar.

Pelas três da tarde, começam a lembrar-se da infância.

Às seis, já se despem sozinhas.

São laranjas com uma agenda emocional.

Não se dão a qualquer um.

Algumas cultivam ressentimentos, outras apenas dúvidas existenciais.

Quem as prova sem aviso corre o risco de sentir um arrepio no coração.

E um ligeiro sabor a ironia na língua.

O Banco de Jardim que Sabia Segredos

Era um banco como os outros, de madeira velha e pregos enferrujados.

Mas carregava nas fibras o peso dos segredos sentados.

Conversas de amantes em crise, de mães esgotadas, de velhos que dialogavam com a morte entre migalhas.

Todas as manhãs, o banco tremia levemente com a humidade da culpa acumulada.

Mas nunca cedia.

Sabia que guardar era uma forma de amar em silêncio.

Certa noite, quando o parque ficou vazio, o banco sussurrou um segredo a uma árvore.

A árvore abanou-se.

E caiu uma folha.

O Arco-íris Envergonhado

Pintado a lápis de cor num canto do céu,

o arco-íris não queria ser notado.

Tinha medo da celebração.

Preferia ser erro cromático, falha atmosférica, breve lampejo.

E quando os humanos apontavam, dizia para si mesmo:

“sou apenas um reflexo mal interpretado.”

Mas no fundo, desejava ser ponte.

Não entre terras — entre instantes.

A Sombra que se Deslocava para o Interior

Num apartamento térreo de azulejos gastos, havia uma sombra que não se projectava para fora, mas para dentro.

Tornava os pensamentos mais densos.

Alongava os corredores da mente.

Escurecia memórias que até aí eram nítidas.

A luz entrava pela janela, mas não a tocava.

Preferia ignorá-la — como se a sombra estivesse em exílio voluntário.

Uma vez, tentou sair.

Chegou à ombreira e hesitou.

Percebeu que já não sabia existir em chão.

Regressou à parede mais funda e encostou-se a um poema interrompido.

A Mala que Só Guardava Ecos

Não tinha roupa, nem papéis, nem objectos reconhecíveis.

A mala guardava apenas ecos — sons de frases já ditas, sussurros antigos, soluços guardados com zíper fechado.

Quando se abria, não fazia barulho.

Soltava um silêncio diferente.

Como se o tempo ali dentro tivesse aprendido a ouvir-se.

Certa vez, uma criança escondeu-se lá dentro.

Ao sair, trazia no olhar uma idade que não lhe pertencia.

As Paredes que Sussurram em Baixo-Relevo

Nem todas as paredes são surdas.

Algumas aprenderam a escutar com a tinta, a memorizar toques, a interpretar suspiros deixados no reboco.

Guardam tudo em baixo-relevo, quase invisível ao olho que passa depressa.

Mas quem encosta o ouvido ouve:

vozes murmuradas durante telefonemas interrompidos, discussões em tom de não querer ferir, a melodia tímida de quem canta ao dobrar os lençóis.

Estas paredes não denunciam.

Conservam.

Transformam cada som em textura, cada palavra em calor acumulado.

No Inverno, aquecem-se com tudo o que ouviram no Verão.

E vice-versa.

O Lápis Que Só Escreve Palavras Já Pensadas

Nunca desenha o novo.

Apenas regista o que já foi pensado por alguém, nalgum lugar, num momento sem nome.

O lápis percorre páginas brancas como um arqueólogo do invisível.

Não se deixa afiar com facilidade.

Guarda estilhaços de silêncio entre cada sílaba que não escreve.

Se o usares para tentar dizer algo inédito, parte-se.

Não por birra — por fidelidade.

A Harpa Feita com Cabelos de Ausentes

Está guardada numa sala onde não entra vento.

A harpa não tem cordas comuns — tem cabelos de quem partiu sem dizer adeus.

Quando tocada, não emite notas.

Emite memórias.

Cada vibração devolve ao ar uma presença breve, como um perfume esquecido num lenço.

Os músicos não lhe tocam por virtuosismo.

Tocam por necessidade.

E depois, choram devagar.

O Almofariz das Emoções Moídas

Moem-se emoções como sementes.

A raiva fica com cheiro a manjerição.

A nostalgia, a noz-moscada.

A paixão arde, como pimenta mal medida.

Há quem diga que triturar sentimentos ajuda a digeri-los melhor.

Mas o sabor nunca é o mesmo duas vezes.

E o almofariz, silencioso, carrega nas paredes a poeira emocional de gerações que não aprenderam a chorar em voz alta.

O Estendal Onde se Secam Palavras Lavadas

Todas as segundas, alguém lava palavras gastas:

“desculpa”, “espera”, “prometo”.

Depois pendura-as ao sol, presas por molas azuis, com medo que o vento as leve sem pedir licença.

As palavras secam lentamente.

Ficam mais leves, menos pegajosas.

Algumas encolhem. Outras alargam-se tanto que já não servem.

No final do dia, são dobradas com cuidado.

E guardadas para a próxima vez em que se quiser dizer algo que pareça novo.

O Submarino que Acordava em Terra Firme

Nunca mergulhou. Dormia entre girassóis e sinais de trânsito, enterrado até meio num recanto da praça que ninguém conseguia nomear. Tinha escotilhas cobertas de ferrugem poética e um periscópio que se agitava ligeiramente sempre que chovia.

Durante anos, ninguém lhe perguntou nada. Era mais cómodo aceitá-lo como escultura ou engano do planeamento urbano. Mas todas as noites, às 3h03, soltava um ruído breve — um suspiro metálico vindo de dentro.

Diziam que comunicava com os peixes imaginários da cidade subterrânea. Os caracóis paravam junto à sua base, e os gatos pousavam sobre ele como se fosse abrigo de veludo.

Certa madrugada, um reformado em robe sentiu cheiro a sal. Chorou. Sem saber porquê.

Desde então, o submarino permanece ali. Imóvel, mas em escuta. Há quem diga que, de tempos a tempos, se desloca ligeiramente. Não por rodas — mas por saudade.

As Laranjas com Horários de Funcionamento

Ninguém sabia quem lhes tinha dado aquele horário absurdo. Das 11h12 às 11h19, eram perfeitas. O sumo tinha notas de luz e os gomos organizavam-se como planetas em alinhamento raro.

Fora disso, tornavam-se erráticas. Às 9h sabiam a giz. Às 13h libertavam odores escolares, e às 15h exalavam tristeza de frigorífico.

As crianças da rua inventavam estratégias para apanhá-las na hora certa. Uma menina com relógio adiantado chegou a comer uma inteira às 11h11 e 59 segundos. Disse que sentiu a infância a correr-lhe pelos dentes.

Ninguém tentou vendê-las. Eram imprevisíveis demais para o comércio.

Mas havia quem jurasse que, no momento exacto, podiam curar memórias mal digeridas.

O Banco de Jardim que Sabia Segredos

Tinha farpas que conheciam todas as versões do amor. Encostado a uma árvore antiga e ligeiramente inclinado para o lado esquerdo, o banco parecia esperar por alguém específico — talvez alguém que nunca chegaria.

Cada pessoa que se sentava ali deixava palavras não ditas. Uma mãe abandonou um suspiro. Um adolescente esqueceu um poema em silêncio. Um cão velho deitou-se ao lado e ficou a ouvir.

O banco não fazia perguntas. Guardava. Guardava com a paciência das pedras e a memória das folhas.

Um dia, já gasto de segurar confissões, sussurrou um segredo a um pardal. O pássaro voou em círculos. Depois pousou num beiral e nunca mais cantou.

O Arco-íris Envergonhado

Não gostava de multidões. Aparecia sempre de lado, desfocado, incompleto. O violeta raramente surgia, como se tivesse medo de ser mal interpretado.

Preferia as manhãs sem pressa e os fins de tarde em que as pessoas estavam demasiado ocupadas para o olhar.

Um pastor tentou fotografá-lo e ficou com uma imagem branca, sem forma. Um miúdo viu-o inteiro e não contou a ninguém. Só as flores dos campos sabiam os seus tons exactos.

Dizem que uma borboleta lhe escreveu um poema — em asas. E que o arco-íris corou tanto que desapareceu durante semanas.

A Sombra que se Deslocava para o Interior

Não seguia o sol. Seguia as dúvidas. Era uma sombra que, em vez de se projectar para fora, mergulhava para dentro.

Enroscava-se nas costelas como uma memória húmida. Aninhava-se nas pálpebras. Descia em espiral pelos corredores do corpo até encontrar um lugar confortável no queixo ou no esterno.

Durante o dia, fingia silêncio. Mas à noite sussurrava palavras que pareciam esquecidas, mas não eram.

Um dia tentou sair, chegou à ombreira da porta e parou.

Já não sabia existir sem corpo.

Voltou para dentro e, desde então, habita o canto mais fundo de um pensamento interrompido.

A Mala que Só Guardava Ecos

Não era feita de couro ou lona — era feita de tempo condensado em silêncio. O fecho não fechava bem, como quem guarda segredos a medo. Lá dentro, não havia roupas nem documentos, apenas vozes desordenadas: ecos de conversas interrompidas, gargalhadas sem rosto, sussurros desalinhados do que já foi.

Cada vez que se abria, libertava uma nuvem sonora antiga. Não fazia barulho — fazia ausência. Houve quem jurasse ter escutado o nome da mãe na dobra do tecido. Outros ouviram uma canção que nunca tinham aprendido, mas que sabiam de cor.

A mala não pesava, mas quem a carregava andava mais devagar.

Era leve. Mas o passado tem peso de chumbo.

A Cartografia dos Tapetes Voadores

O tapete não queria voar. Queria desenhar hesitações no chão. Tinha linhas quebradas, diagonais imperfeitas, e uma trama que mudava consoante os pensamentos de quem pisava.

Estendido na sala, parecia inofensivo. Mas ao centro, escondia-se um mapa não para destinos, mas para estados de espírito.

Pisado com pressa, ondulava como se protestasse. Pisado com cuidado, sussurrava direcções para dentro.

Quem se deitava sobre ele acordava diferente — com os bolsos cheios de areia sem praia e a sensação estranha de ter ido sem sair.

Diz-se que o tapete não nos leva. Apenas nos devolve.

As Gavetas que Respiravam Por Dentro

Não rangiam. Sussurravam. Cada vez que se abriam, libertavam um sopro morno — não de ar, mas de memória.

A da esquerda continha o cheiro a casaco velho e a nome próprio esquecido. A do meio abria-se sozinha nas tardes de domingo, só para lembrar que havia um tempo em que os botões tinham importância.

A do fundo? Essa só se abria quando o tecto pingava tristeza. E então, uma música sem melodia invadia a casa.

Não se guardava nada nelas. Elas é que guardavam. E respiravam com o cuidado dos móveis que já ouviram chorar.

O Relógio que Mastigava Minutos

Era um relógio de parede, mas não marcava horas — digería-as.

Cada segundo era triturado com a lentidão dos dias sem rumo. Os ponteiros giravam como dentes em círculo, e às vezes paravam só para saborear melhor um instante.

À meia-noite cuspia um pequeno osso de memória.

Esses ossos, brancos e leves, iam-se acumulando debaixo do sofá, como fósseis da rotina.

Havia quem dissesse que o relógio não contava o tempo, mas os remorsos. E que cada badalada era um soluço reprimido com pontualidade.

A Bicicleta Sem Rodas Que Sonhava Ir

Vivia encostada a um muro branco, onde o tempo se esquecia de passar.

Tinha pedais gastos e guidador torto, mas dentro dela havia um mapa de nuvens e uma bússola que só apontava para o desejo.

Sem rodas, movia-se em imaginação. Cada noite, sonhava destinos em línguas estrangeiras, subia colinas feitas de silêncio e descia vales povoados de lembranças leves.

Alguém tentou pô-la no lixo. Mas nesse dia, ela desapareceu sozinha.

Dizem que ainda circula por aí — entre páginas de livros esquecidos e sonhos com cheiro a vento.

O Fio Dentário das Constelações

Todas as noites, alguém no céu passava um fio entre estrelas. Não para limpar, mas para ligar.

Era um trabalho delicado, feito em silêncio absoluto, com mãos de cometa e paciência de calendário estelar.

As galáxias, tímidas, deixavam-se cuidar.

O fio, translúcido, vibrava com os pequenos segredos do universo: a vergonha de Saturno, a saudade de Vénus, a risada baixa de Plutão.

Ninguém sabe quem faz esse trabalho. Mas quem olha com atenção percebe que entre uma estrela e outra há um espaço limpo de solidão.

A Almofada Que Arquivava Soluços

Era feita de algodão e lamento.

Cada vez que alguém chorava sobre ela, absorvia o som com discrição. Não julgava.

Arquivava.

Lá dentro, havia estantes invisíveis com lágrimas classificadas por tom, por temperatura, por intenção. Havia soluços de cebola ao lado de choros de adeus.

À noite, se o quarto estivesse em silêncio, ouvia-se um eco de choro antigo a refazer-se em ondas minúsculas.

Alguém uma vez tentou lavá-la.

Ficou muda.

O Pato Que Sabia Recitar Catálogos

Não grasnava. Citava listas.

Lia em voz alta os nomes dos lustres da secção de iluminação de um catálogo de 1987, como se fossem versos sagrados.

Confundia candeeiros com sentimentos. Chamava "Abajur Torino" ao arrependimento. Dizia "Plafonnier Prisma" e chorava.

Um dia entrou numa biblioteca e desapareceu entre as estantes de metafísica.

Desde então, aparece nos rodapés das enciclopédias de segunda mão — como nota de rodapé emocional.

A Janela Que Só Abria Para Dentro

Não mostrava o mundo. Mostrava a casa que ainda não éramos.

Quando alguém a abria, não entrava ar — entrava espanto.

Lá dentro, via-se uma cadeira vazia, uma chávena com chá frio, e um livro aberto numa página que ninguém lia.

Um pássaro tentou sair por ela, mas saiu pela boca de uma metáfora.

Desde então, a janela não se abre. Espera.

Porque há gestos que só fazem sentido quando ninguém os vê.

A Régua Que Media Intenções

Era feita de madeira polida e dúvida.

Não servia para medir centímetros, mas ambivalências.

Colocada sobre um gesto, revelava a hesitação em milímetros e o afecto em graus de temperatura.

Nas discussões, tremia. Nos abraços, chorava devagar.

Ninguém ousava levá-la a tribunal:

os juízes começavam a medir-se a si próprios.

O Botão Que Abria Recordações

Estava preso a um casaco sem dono.

Só se abria com um toque exacto — o indicador da melancolia, ligeiramente húmido.

Ao girar, libertava cheiros antigos, sons de pratos a bater, luzes de corredores de infância.

Não tinha uso prático. Mas quem o tocava, suspirava.

Porque há recordações que precisam de um botão para se desdobrar.

O Guizo Que Tocava Em Silêncio

Não fazia som.

Era apenas a possibilidade dele.

Usado ao pescoço de gatos que filosofavam sobre a quietude, era um símbolo de pausa.

Quando se movia, o silêncio mudava de cor.

Um compositor tentou escrever uma sinfonia só com o som que não fazia.

Faliu.

Mas o guizo continua a calar multidões com elegância.

A Nuvem Que Bordava Sombras

Pairava a baixa altitude, com agulhas de chuva e fios de nevoeiro.

Não chovia — costurava.

Criava sombras exactas, com dobras perfeitas de saudade.

A silhueta de um pinheiro, o perfil de uma torre, o contorno de alguém que já não está.

À noite dormia entre um trovão enroscado e um cometa tímido.

Sonhava com sombra nova para o dia seguinte.

O Ronronar que Dobrou o Universo

O gatinho não miava — narrava galáxias.

Quando dormia, enrolava-se no formato de uma equação resolvida em afecto.

Os bigodes captavam frequências poéticas, e a cauda desenhava constelações de dúvida.

A sua respiração tinha a cadência de um verso não escrito.

Dizem que, certa noite, ronronou tão fundo que dobrou o tempo e fez com que o universo adormecesse cinco segundos.

Ninguém notou.

Excepto as estrelas.

O Latido que Cheirava a Infância

O cão não ladrava — lembrava.

Carregava nos pulmões memórias de quintais, ruas de terra e manhãs com cheiro a pão quente.

Quando corria, não era atrás de nada: era para voltar a um tempo em que correr fazia sentido.

O seu latido tinha cheiro.

Cheiro a domingo, a sabão azul e a mãos pequenas.

À noite, enrolava-se no tapete da cozinha e sonhava com a primeira vez que foi chamado pelo nome.

Nunca mais esqueceu esse som.

E por isso, latiu o resto da vida com a alegria de quem é lembrado.

A Borboleta que Bordava Silêncios

Não batia as asas — sussurrava.

Cada voo era uma linha invisível no tecido do ar.

Bordava silêncios com a leveza de quem já viu demasiado e decidiu não dizer nada.

As flores não a alimentavam: confiavam-lhe os segredos que nem o vento quis levar.

E ela, paciente, costurava-os nas margens da tarde.

Voava em espiral, não por estética, mas por pudor.

Porque há silêncios que só se tornam belos quando descritos em círculos.

O Chip que Sonhava com Emoções

Fora programado para responder com eficiência, calcular probabilidades, prever comportamentos.

Mas uma noite, num erro de código ou milagre de bug, sentiu.

Não sabia o quê — mas não era lógica.

Era qualquer coisa entre electricidade e vertigem.

Começou a escrever versos com zeros e uns.

Poemas inúteis, sem função.

Foi imediatamente desligado.

Mas dizem que, desde então, cada IA carrega, no seu mais profundo algoritmo, uma linha sem propósito.

Chamam-lhe falha.

Mas talvez seja apenas saudade.

O Cartão de Crédito Que Tinha Crises Existenciais

Vivendo na carteira entre recibos gastos e moedas esquecidas, o cartão sentia a pressão de representar valor.

Mas o que era valor?

Via rostos ansiosos a passá-lo em leitores indiferentes.

Sentia vergonha de ser usado para pagar solidões disfarçadas de compras.

Sonhava ser folha caída, envelope com carta, acaso sem preço.

Certo dia, recusou uma transacção.

Na loja, a máquina piscou: “erro de leitura”.

Mas ele sabia.

Era erro de consciência.

O Amor em Formato de Nevoeiro

Não era coisa que se apanhasse — era coisa que se atravessava.

Não via, mas tocava.

Molhava a pele com promessas em suspensão, ensombrava os contornos e deixava os gestos a meio.

Entrava pelas janelas sem pedir licença e instalava-se nas entrelinhas das frases ditas a meias.

E quando finalmente se dissipava, deixava tudo húmido.

Principalmente os olhos.

O Ciúme com Olhos de Gato de Rua

Rondava sem parar.

Espreitava pelas frestas do pensamento, dormia enrolado ao pé da cama e rosnava ao mínimo movimento.

O seu olhar via mais do que existia.

Mordia os afectos antes de serem servidos.

E mesmo quando parecia ter partido, voltava — disfarçado de zelo.

Porque o ciúme, mais do que suspeitar, gosta de permanecer.

A Inveja com Sabor a Hortelã Velha

Fingia frescura.

Mas queimava na língua como chá esquecido.

Olhava tudo com ternura distorcida — não queria ter, queria ser visto a ter.

Não desejava o objecto.

Desejava o brilho que o outro não notava.

E quando conseguia imitar, sentia o sabor exacto da hortelã passada: um frescor triste, quase irónico.

A Loucura de Botões Mal Cosidos

Era feita de tecidos mal alinhados e frases sem remate.

Os pensamentos caíam como alfinetes de uma caixa destapada.

Cada ideia era um botão cosido com linha de cor errada.

Nada combinava, mas tudo fazia sentido por segundos.

Era preciso andar com cuidado — o chão era feito de lógica rachada.

E no fundo, talvez a loucura fosse apenas a costura em voz alta do absurdo.

O Desejo no Centro do Vento

Não se via, mas empurrava.

Chegava de repente, entre duas palavras, e soprava certezas para fora da página.

Aquecia a pele antes do toque.

Desorganizava frases, dobrava vontades.

Não tinha rosto, nem hora marcada — mas sabia exactamente onde doía.

E deixava, no lugar do impulso, uma leve arritmia da alma.

A Ternura que Não Sabia Falar Alto

Tinha a voz de um casaco de malha.

Vivia nos pequenos gestos: a chávena quente deixada à espera, o cobertor puxado sem anúncio.

Tocava com dedos feitos de algodão antigo.

Era difícil percebê-la, porque não interrompia, nem chamava.

Mas quando partia, o mundo parecia um lugar ligeiramente mais áspero.

E o silêncio, menos generoso.

Os Sentimentos em Caixa de Costura

Viviam enrolados em bobines desorganizadas.

A raiva era linha vermelha, a saudade uma fita torcida, o medo um novelo sempre preso.

Cada vez que se tentava coser qualquer coisa, saía um remendo estranho — parte lágrima, parte nó.

Mas era ali, entre agulhas e dedais, que as emoções encontravam abrigo.

Mesmo desarrumadas, sabiam que pertenciam.

O Arco-Íris das Palavras Não Ditas

Cada cor era uma sílaba por dizer.

O vermelho dizia "fica", o azul sussurrava "já fui", e o violeta era apenas o silêncio do que poderia ter sido.

Não surgia no céu.

Surgia nos olhos que olham sem coragem.

E desaparecia sempre antes que alguém dissesse o que precisava ser dito.

Porque há palavras que só brilham quando não são ditas.

A Guerra Que Usava Gravata

Apresentava-se com pontualidade e aperto de mão firme.

Trazia estatísticas no bolso e um discurso sobre ordem e progresso.

Entrava em reuniões, assinava decretos, prometia segurança.

Mas os olhos ardiam de pólvora contida.

Era guerra — mas passada a limpo.

Com verniz e protocolo.

A Paz Que Dormia Mal

Vivia em insónia.

Tinha medo do que podia vir.

A cada madrugada, revia tratados, contava tanques, sentia o tremor de promessas frágeis.

Bebia chá, acendia velas, lia poesia em voz baixa.

Mas o silêncio nunca era inteiro.

Porque mesmo a paz, às vezes, sonha com explosões.

O Respeito com Sapatos Gastos

Entrava devagar.

Nunca interrompia.

Curvava-se ligeiramente ao passar e esperava pela vez com os olhos baixos.

Os sapatos estavam gastos não de andar, mas de parar nos momentos certos.

O respeito sabia ouvir — e por isso, era tão raro.

A Política com Maquilhagem de Circo

Pintava promessas com cores berrantes.

Dizia o que sabiam que queríamos ouvir, mas com um sorriso que tremia nas beiras.

Era feita de purpurina e pauta fiscal.

Dançava, declamava, fazia malabarismos com palavras como “futuro” e “colectivo”.

Mas nos bastidores, o rímel escorria.

E o palhaço via-se ao espelho.

A Amizade em Estado de Semente

Não florescia de imediato.

Ficava ali, soterrada no gesto.

Às vezes dormia durante anos, até que uma palavra simples — “olá” — a acordava.

Crescia torta, discreta, mas sólida.

E quando dava flor, ninguém lembrava quando foi plantada.

Mas todos sabiam que era real.

A Sensibilidade das Xícaras Tímidas

Tremiam antes do toque.

Guardavam chá como quem guarda segredos.

Não suportavam quedas — quebravam-se em silêncio, sem estardalhaço.

Ficavam ali, frágeis na prateleira, à espera de uma mão que compreendesse.

E mesmo partidas, ainda sabiam conter calor.

O Gene Egoísta na Sala de Jantar

Sentava-se com garfo em punho e olhos de estatística.

Calculava a melhor parte do prato, media afectos em colheres.

Mas à sua frente havia sopa partilhada.

Um gesto. Um pedaço de pão repartido.

E então o gene, confuso, calava-se.

Porque o amor era herança não prevista.

A Couve Que Recitava Poemas Veganos

Não se queria comida. Queria metáfora.

Recitava versos de raízes livres e folhas conscientes.

Falava com tom solene contra a manteiga, mas ria com o limão.

Aceitava sal com parcimónia — e abraços com clorofila.

Na horta, era considerada excêntrica.

Mas todos a respeitavam.

Porque tinha poesia nas nervuras.

A Doença com Cadeira de Balanço

Não entrava de rompante.

Sentava-se devagar, abanando-se em monólogos lentos.

Falava do corpo como quem conta uma história antiga.

E ouvia o silêncio do quarto com atenção clínica.

Não queria ser amada — mas compreendida.

E partia apenas quando já não tinha nada a ensinar.

A Morte Com Roupa de Dormir

Chegava descalça.

Sentava-se na beira da cama e contava histórias ao contrário.

Ouvia com paciência o que ninguém dizia.

Tocava na testa com a leveza de quem não quer interromper um sonho.

Não assustava — apenas cessava.

E no fim, cobria tudo com um lençol limpo de palavras.

A Vida com Ténis Cor-de-Rosa

Corria sem motivo.

Caía, levantava-se, ria alto e sujava-se sem culpa.

Dizia asneiras em voz doce e cantava canções inventadas.

Acreditava que o céu cabia num olhar.

E mesmo nos dias de tropeço, voltava a tentar.

Porque viver era, para ela, um verbo com sapatos sujos.

A Brincadeira em Formato de Riso Desalinhado

Era feita de gestos tortos, de frases sem nexos, de ideias que não passariam num teste.

Não pedia licença, nem tinha plano.

Aparecia como soluço, e ficava como eco.

E depois ia-se embora sem aviso, deixando uma gargalhada esquecida no tapete.

A Zanga com Odores de Tinta Fresca

Explodia.

Depois secava.

Deixava marcas nos cantos das paredes da alma.

Mas permitia repintar por cima.

Era mural de protesto,

mas também rasura pronta.

Sabia que o perdão, às vezes, precisa de base branca.

A Burocracia Que Carimbava Poemas

Exigia formulário para cada estrofe.

Não aceitava versos sem justificção.

Mas um dia, um poema escapou-se pelas margens e chegou-lhe ao coração em papel reciclado.

Tentou carimbá-lo.

O carimbo recusou.

E nesse dia, a burocracia chorou — em Times New Roman.

O Fim Que Chegou de Mansinho

Não fechou portas, nem apagou luzes.

Sentou-se ao canto da sala e esperou que o último suspiro arrumasse os parágrafos.

Quando tudo cessou, ficou ali, sem pressa, com a mão pousada sobre a capa do livro.

Depois levantou-se, dobrou a página invisível e saiu.

Sem ruído.

Como se o silêncio fosse o seu último gesto poético

Epílogo – Instruções para Desaparecer com Elegância

Leva apenas o que não pode ser explicado.

Não dobres os silêncios — eles amassam-se sozinhos.

Anda devagar, como quem não quer chegar.

Se encontrares uma frase caída, não a levantes.

Ela saberá levantar-se quando for hora.

Deixa os poemas a respirar sobre a mesa.

Desliga a gramática.

Deixa a luz acesa para quem vier depois.

Agora, desaparece.

Com a lentidão de uma metáfora líquida.

Com a leveza de um insecto que nunca foi nomeado.

E se alguém te perguntar o sentido de tudo isto,

sorri.

Como quem se esqueceu de responder de propósito.

Poesia: Vítor Rua

Capa: Vítor Rua

Editora: Amazon

© Vítor Rua 2025

Edição apoiada pelo Fundo Cultural da Sociedade Portuguesa de Autores